

**CEM MIL CIGARROS:  
OS FILMES DE PEDRO COSTA**

Iván Villarrea Álvarez (Universidad de Zaragoza)

**Ed. Ricardo Matos Cabo. Lisboa: Orfeu Negro, 2010.**

Pedro Costa é o realizador mais internacional da quarta geração de cineastas portugueses.<sup>1</sup> A importância da sua obra procede tanto da sua permanente procura de novas formas e estratégias de expressão cinematográfica, primeiro em celulóide e depois em vídeo digital, como também da relevância política e sociológica dos temas que trata: Costa foi o primeiro a pôr em cena “a figura do operário cabo-verdiano sem documentos,” como diz Jacques Lemièrè,<sup>2</sup> um personagem a partir do qual o cineasta vai desenvolver toda uma saga centrada na “sorte dos explorados, daqueles que vieram de longe, das antigas colônias africanas, para trabalhar nos estaleiros de construção portugueses, que perderam a família, a saúde, por vezes a sua vida nesses estaleiros, aqueles que se amontoaram ontem nos bairros de lata suburbanos antes de serem expulsos para habitações novas, mais claras, mais modernas, não necessariamente habitáveis,” em palavras desta vez de Jacques Rancière.<sup>3</sup> Portanto, e depois de ter sido objeto de atenção em numerosas publicações e festivais internacionais,<sup>4</sup> a obra de Pedro Costa já clamava por uma monografia crítica escrita em português como a presente *Cem Mil Cigarros*.

Esta publicação considera a trajetória de Costa no seu conjunto mesmo nos textos dedicados a um único filme, pois considera os seus trabalhos como partes de uma mesma saga formal e temática. O editor do volume, Ricardo Matos Cabo, anuncia na introdução que “o livro foi organizado sob o signo do reencontro dos autores com a obra de Pedro Costa, [...] um percurso [...] que abrisse passagens,

relações e circulações de temas e formas recorrentes nos filmes (e entre os filmes).”<sup>5</sup> Esta atenção ao conjunto surge em muitas passagens do livro, como quando Jonathan Rosenbaum afirma que “todos os filmes de Costa parecem ser sobre pessoas de fora e famílias improvisadas”<sup>6</sup> ou quando Philippe Azoury diz que “é assombroso apercebermo-nos hoje até que ponto *O Sangue* foi pensado como uma derradeira homenagem ao cinema e, em certa medida, como o modo do seu adeus. Um primeiro filme quer dizer aqui um prólogo ao cinema de Costa. Que só começará a revelar-se verdadeiramente a partir de *Ossos*.”<sup>7</sup> Esse é o “relato oficial” no que a maioria de autores deste livro concordam: a história dos dois órfãos de *O Sangue* já adiantava a paisagem emocional e o tratamento cinematográfico que Costa iria desenvolver nas duas décadas seguintes para retratar a sua extensa família cabo-verdiana na Trilogia das Fontainhas, também conhecida como Trilogia de Vanda.<sup>8</sup>

A distribuição dos trinta artigos que compõem este *Cem Mil Cigarros* não faz um percurso cronológico estrito pela obra de Costa senão apenas um seguimento aproximado. A maior parte destes textos é de carácter geral, cumprindo com a premissa de relacionar os filmes entre si, mas também há alguns que estabelecem essas relações a partir de um só título. De acordo com a minha conta, há oito artigos gerais e outros três que analisam de maneira conjunta o díptico *No Quarto da Vanda / Juventude em Marcha*, enquanto há quatro artigos que falam especialmente sobre *O Sangue*, três sobre *Casa de Lava*, outros três sobre *Ossos*, dois sobre *No Quarto da Vanda*, um sobre *Juventude em Marcha*, outro sobre o díptico *Tarrafal / A Caça do Coelho com Pau* (embora já um tríptico com *O Nosso Homem*), e mais quatro que abordam o método de trabalho do cineasta através da análise de *Onde Jaz o teu Sorriso*, o seu documentário metacinematográfico sobre Jean-Marie Straub e Daniëlle Huillet. Por último, o livro termina com um artigo que explica as possibilidades artísticas destes filmes fora da sala de cinema, “Do Filme à Exposição: As Instalações

Vídeo de Pedro Costa,” onde João Nisa comenta a conversão dos filmes em instalações para museus.

Todos estes artigos estão assinados por críticos, teóricos e mesmo cineastas de diferentes países, entre os que se salientam nomes bem conhecidos que escrevem há anos sobre Pedro Costa, como os franceses Jacques Rancière, Jean-Pierre Gorin, Nicole Brenez e Luce Vigo, os estadunidenses Jonathan Rosenbaum, Tag Gallagher, Thom Andersen e Andy Rector, os canadenses Mark Peranson e James Quandt, o australiano Adrian Martin, o japonês Shiguéhiko Hasumi, o italiano Paolo Spaziani e o português João Bénard da Costa, de quem aparecem dois textos, um de caráter geral, “O Negro É Uma Cor ou o Cinema de Pedro Costa,” e outro centrado na análise de *No Quarto da Vanda*. Esta diversidade geográfica dos autores supõe um estudo polifônico desde latitudes e tradições críticas muito diferentes, acorde com a difusão internacional dos próprios filmes através dos circuitos de festivais de cinema, cinematecas, museus, e mesmo instituições acadêmicas.<sup>9</sup> De novo, como diz Ricardo Matos Cabo no artigo inicial, esta variedade de olhares sobre os filmes de Pedro Costa tem como função “sedimentar e fixar ressonâncias de magnitude diversa, possibilitadas por uma visão retrospectiva da sua obra, num momento particular de produção crítica acerca do seu trabalho.”<sup>10</sup>

Muitos destes textos explicam precisamente a recepção internacional dos filmes, devolvendo os seus autores à posição originária dos espectadores, isto é, descrevendo os “primeiros encontros” entre críticos e filmes quase como uma autobiografia cinéfila onde é preciso contar o *quando* e o *como* desses primeiros visionados, como fazem Jonathan Rosenbaum em “Algumas Erupções na *Casa de Lava*” ou Thom Andersen em “Histórias de Fantasmas” antes de começarem com as suas respectivas análises críticas. Nessa mesma linha, outros autores preferem realizar leituras pessoais dos filmes, volvendo a contar o seu argumento para reinterpretar em palavras as suas imagens, como é o caso de Rui Chafes em

“Condenados à Morte, Condenados à Vida,” um texto que é quase uma adaptação literária da atmosfera e de alguns momentos de *O Sangue*, ou Philippe Lafosse em “Mas Porquê?! (Observações),” que vai mais longe ao reproduzir muitos diálogos de *Onde Jaz o teu Sorriso?* intercalando-os com os seus próprios comentários.

Estas releituras pessoais levam em muitos casos à repetição de uma mesma ideia ou percepção, mas sem resultarem nunca redundantes. Pelo contrário, as sobreposições ajudam a destacar as seqüências mais relevantes de cada um dos filmes, assim como também confirmam o poder de certas imagens-fetichismo além de fronteiras nacionais ou culturais: é o caso do começo expressionista de *O Sangue*, ao qual se referem Johannes Beringer e Philippe Azoury, do *travelling* alongado de *Ossos* comentado por Shiguéhiko Hasumi e Mark Peranson, da única conversa entre Vanda e Nhurro em *No Quarto da Vanda* analisada tanto por João Bénard da Costa como por Andy Rector, ou da visita de Ventura à Fundação Calouste Gulbenkian em *Juventude em Marcha*, presente nos textos de James Quandt, Jacques Rancière e Andy Rector, entre outros muitos exemplos.

No entanto, os textos mais úteis do ponto de vista da pesquisa são aqueles que analisam em diferentes perspectivas o conjunto da obra de Pedro Costa, ou pelo menos o díptico *No Quarto da Vanda / Juventude em Marcha*. Por exemplo, em “O Negro é uma Cor ou o Cinema de Pedro Costa,” João Bénard da Costa analisa a forma como o cineasta empregou a cor enquanto elemento expressivo desde o seu primeiro filme, estabelecendo paralelismos formais com vários referentes pictóricos. O mesmo faz Mark Peranson com o som em “Ouvindo os Filmes de Pedro Costa ou Pedro Costa Realizador Pós-Punk,” explicando por sua vez, através de referências musicais à cultura popular, a sensibilidade com que o cineasta trabalha as texturas sonoras dos seus filmes, além da pura escolha de peças musicais. Tag Gallagher, pelo seu lado, compara em “Straub Anti-Straub” a montagem de Pedro Costa com a de Straub e Huillet, questionando uma filiação que muitos outros autores vão dar

por certa sem uma análise prévia. Esta contínua tentação de procurar uma filiação para o cineasta português é evidente na primeira página do artigo “A Vida Interior de um Filme,” onde Adrian Martin compara explicitamente Costa com John Ford, Jacques Tourneur, Jean-Luc Godard, Jean Epstein, Fritz Lang, Nicholas Ray, Carl Th. Dreyer e F. W. Murnau.<sup>11</sup>

Também Andy Rector relaciona *Juventude em Marcha* com o cinema de Straub e Huillet em “*Pappy: A Rememoração dos Filhos*,” mas argumenta melhor os seus pontos em comum com *The Grapes of Warth* de John Ford pelo retrato que os dois filmes realizam dos emigrantes expulsados das suas terras e deslocados para lugares hostis. Este texto destaca ademais a dimensão histórica e mesmo historiográfica do cinema de Costa, primeiro como testemunho visual das transformações urbanas que se produziram nestas últimas décadas em Portugal, representadas pela destruição do bairro das Fontainhas e a posterior deslocalização dos seus vizinhos ao Casal da Boba, e depois já como sintoma sociológico das relações de classe na contemporaneidade. Esse mesmo interesse em realizar uma leitura espacial da Trilogia das Fontainhas aparece também no artigo já nomeado de Thom Andersen, enquanto a análise política em termos de classe é o ponto principal do artigo de Jacques Rancière, “Política de Pedro Costa.”

O texto de Rector, como ele próprio informa no seu final, já fora publicado anteriormente a este livro no seu blog *Kino Slang*, à semelhança do que acontece com outros artigos como o de James Quandt (“*Still Lives*”), o de Shiguhiko Hasumi (“*Aventura: Um Ensaio sobre Pedro Costa*”) ou o já comentado de Tag Gallagher. O problema em termos de pesquisa é que, exceto no caso de Rector, não há referências claras à publicação original desses textos para realizar uma citação correta dos mesmos, sobretudo no caso da identificação da língua original. Assim, não há nenhuma referência à publicação anterior do texto de Gallagher na revista *Senses of Cinema*, enquanto as referências aos artigos de Quandt e Hasumi não estão bem

relacionadas na bibliografia final com as traduções incluídas neste livro.<sup>12</sup> Contudo, estas ausências são falhas específicas que não diminuem os méritos de uma publicação que já é uma leitura obrigatória (e muito prazenteira) para os estudiosos da obra de Costa. Ademais, a sua capa com a carta de Ventura manuscrita em amarelo sobre um fundo verde, assim como o papel acetinado e uma generosa seleção de imagens em cor, converte também a obra *Cem Mil Cigarros* num belo objeto que reivindica o valor estético dos livros em papel nos tempos do livro digital.

## NOTAS

1. A velha classificação dos cineastas portugueses em quatro gerações surgiu em Jacques Parsi, "Cinéma português," *Trafic* 32 (1999). Porém, essa mesma classificação já foi acrescida da chamada "Geração Curtas". Alguns dos textos que teorizam sobre esta quinta geração são de Augusto M. Seabra, "Saudações às 'Gerações Curtas'", em *Geração Curtas: 10 Anos de Curtas-Metragens Portuguesas (1991-2000)* (Vila do Conde: Curtas Metragens, CRL, 2000); ou também Daniel Ribas, "Último cinema português: experimentación formal e narrativa," *A Cuarta Pared* 1 (2011). Consultado o 26 de Setembro, 2011: <http://www.acuartapared.com/?p=78>.

2. Jacques Lemièrre, "Terra a Terra. O Portugal e o Cabo Verde de Pedro Costa," em *Cem Mil Cigarros: Os Filmes de Pedro Costa*, ed. Ricardo Matos Cabo (Lisboa: Orfeu Negro, 2010), 101.

3. Jacques Rancière, "Política de Pedro Costa," em *ibid.*, 53.

4. Os filmes de Pedro Costa têm sido programados pelos festivais de Cannes (*Casa de Lava* na secção Un Certain Regard de 1994 e *Juventude em Marcha* na competição oficial de 2006), Veneza (*Ossos* em 1997, onde ganhou o prémio para a melhor fotografia por Emmanuel Machuel) e Locarno (*No Quarto da Vanda* em 2000, onde ganhou o prémio do jurado da juventude e mais duas menções especiais), para citar só os mais importantes.

5. Ricardo Matos Cabo, "As Casas Queimadas," em *Cem Mil Cigarros: Os Filmes de Pedro Costa*, ed. Ricardo Matos Cabo (Lisboa: Orfeu Negro, 2010), 9.

6. Jonathan Rosebaum, "Algumas Erupções na *Casa de Lava*," em *ibid.*, 127.

7. Philippe Azoury, "Órfãos," em *ibid.*, 85.

8. Os filmes que formam esta trilogia são *Ossos* (1997), *No Quarto da Vanda* (2000) e *Juventude em Marcha* (2006), mas no momento em que escrevemos esta recensão já se pode considerar a existência de uma segunda trilogia relacionada com a primeira, post-Fontainhas e post-Vanda, formada pelas variações sobre a mesma história que propõem as curtas *Tarrafal* (2007), *A Caça ao Coelho com Pau* (2008) e *O Nosso Homem* (2011).

9. Os filmes de Pedro Costa estrearam comercialmente em França (todos), Holanda (*O Sangue, Casa de Lava* e *Ossos*), Japão (*Ossos, No Quarto da Vanda, Juventude em Marcha* e *Ne Change Rien*), Espanha (*Ne Change Rien*) e Estados Unidos (*Ne Change Rien* de novo), provavelmente neste último caso por efeito da retrospectiva *Still Lives: The Films of Pedro Costa* organizada em diversas cidades estadunidenses pelo próprio Ricardo Matos Cabo entre junho de 2007 e maio de 2008, e de que este livro é um resultado e complemento.

10. Ricardo Matos Cabo, "As Casas Queimadas," em *Cem Mil Cigarros: Os Filmes de Pedro Costa*, ed. Ricardo Matos Cabo (Lisboa: Orfeu Negro, 2010), 9.

11. Adrian Martin, "A Vida Interior de Um Filme," em *ibid.*, 91.

12. A referência ao texto de Quandt aparece na secção dedicada a *No Quarto da Vanda*, mas não está no começo nem ao final das páginas correspondentes. O mesmo, ou pior, ocorre com o texto de Hasumi: a obra coletiva da que faz parte aparece na bibliografia final, mas não há nenhuma referência que permita saber que esse texto se encontra nas páginas desse livro. Deixo aqui as referências

originais completas destes artigos para os interessados:

Tag Gallagher, "Straub Anti-Straub," *Senses of Cinema* 43 (2007). Consultado a 26 de Setembro, 2011: <http://www.sensesofcinema.com/2007/feature-articles/costa-straub-huillet/>.

Shiguhiko Hasumi, "Adventure: An Essay on Pedro Costa," em *Pedro Costa: Film Retrospective in Sendai 2005 - Program Book*, ed. Naoto Ogawa e Tamaki Tsuchida (Sendai: Sendai Mediateque, 2005), 17-33.

James Quandt, "Still Lives: The Films of Pedro Costa," *Artforum* (September 2006).